

16 de Março de 1974 - "O Golpe das Caldas"

PSD escolheu "Golpe das Caldas" para dar início às comemorações dos seus 40 anos



PEDRO ANTUNES

■ O momento em que se cantou o Hino Nacional no final do evento. No grande auditório estavam cerca de 400 pessoas.

Tiveram início nas Caldas da Rainha as comemorações dos 40 anos do PSD e do 25 de Abril de 1974, aproveitando o simbolismo da tentativa de golpe de Estado de 16 de Março.

O grande auditório do CCC recebeu cerca de 400 pessoas, entre elas Pedro Passos Coelho, líder do PSD, e Francisco Balsemão, ex-líder e actual presidente da comissão que está a dinamizar as comemorações do 40º aniversário do partido.

O militante número um do PSD aproveitou a ocasião para referir que este partido está "muito bem entregue" a Passos Coelho, elogiando o que está a ser feito pelo actual governo.

O primeiro a usar da palavra na sessão evocativa do 16 de Março de 1974 foi o presidente da Câmara das Caldas, Tinta Ferreira, que aproveitou a ocasião para dizer que os caldenses não se conformam "por termos o Hospital Termal fechado, a Lagoa de Óbidos assoreada e a Linha do Oeste com comboios pouco mais rápidos do que no tempo do rei D. Carlos".

Tinta Ferreira disse ainda

que os caldenses querem fazer parte das soluções para estes problemas, nomeadamente querendo assumir responsabilidades no Hospital Termal, serem parceiros do governo na resolução dos problemas da Lagoa e apresentando propostas para a Linha do Oeste. "Tal como há 40 anos, motiva-nos a ambição de fazer com que a nossa região seja mais rica e a população viva melhor", disse.

O discurso de Passos Coelho foi também de muito optimismo, considerando que o passado "é um bom pretexto para olhar para o futuro". O governante disse que a sociedade portuguesa ainda tem muitas injustiças "com uma pequena parte da população que detém uma parte significativa do rendimento e depois há um grupo muito elevado de portugueses que tem mais dificuldades". O governante lembrou que as desigualdades já existiam antes da intervenção da troika, mas salientou que em Portugal a população com mais recursos foi quem mais contribuiu para o esforço na recuperação do país. "Eu sou presidente de um

partido social-democrata e fico muito satisfeito que tivessem sido os que têm mais que tenham dado o maior contributo para esse efeito".

Nas Caldas, o primeiro-ministro criticou ainda o tratamento desigual que entende existir na Justiça em Portugal, confessando-se surpreendido pelas prescrições em processos que envolvem banqueiros, numa alusão ao recente caso de Jardim Gonçalves. "Um cidadão comum não teria conseguido um desfecho destes", afirmou.

A sala, cheia de militantes do PSD, irrompeu em aplausos quando o governante declarou que "grande parte da nossa acção política destina-se a corrigir estas injustiças e assimetrias, ou, eventualmente, os privilégios que ainda possam existir na sociedade portuguesa".

AS ORIGENS DO PSD

Nas Caldas foi também apresentado pela primeira vez um vídeo (<http://youtu.be/MRRO-1PGnBeY>) sobre a história do



PEDRO ANTUNES

PSD, fundado a 6 de Maio de 1974, no qual se recua ao início dos anos 70 e à actividade dos deputados da ala liberal da Assembleia Nacional que acabariam por vir a fundar o partido.

Durante este ano de comemorações a seta do PSD passa a ter também a cor vermelha, para além do laranja.

Na cerimónia, Pinto Balsemão recordou que o primeiro documento que daria origem ao programa do então PPD (Partido Popular Democrático), intitulado "Linhas para um Programa", tinha oito páginas e nele se defendia "a escolha de caminhos justos e equilibrados de uma social democracia em que possam coexistir, na solidariedade, e os ideais de liberdade e de igualdade".

O historiador Rui Ramos fez uma contextualização histórica dos acontecimentos que vieram desembocar no 16 de Março e no 25 de Abril, recuando a 1961, ao início da guerra em Angola, em que o regime se dividiu entre os que defendiam as vantagens de Portugal se desligar das colónias e virar-se para a Europa e para os seus aliados ocidentais

e os que insistiam na afirmação da soberania portuguesa em África, mesmo à custa da guerra e do isolamento internacional.

Como um Portugal descolonizado e mais integrado na Europa não era compatível com a manutenção do regime, "venceu, então, a opção africana e manteve-se a ditadura", disse o historiador. Desde então, estas brechas que então se abriram no regime nunca mais fecharam, tendo durado até ao 25 de Abril.

Na primeira fila do auditório

estiveram presentes alguns dos protagonistas do 16 de Março, entre eles os generais Manuel Monge (que viria a ser chefe da casa militar do Presidente da República, Mário Soares) e Almeida Bruno, bem como os coronéis Virgílio Varela, Casanova Ferreira e Armando Ramos, entre outros.

Pedro Antunes

pantunes@gazetacaldas.com

Carlos Cipriano

cc@gazetacaldas.com

PEDRO ANTUNES



■ Passos Coelho e Pinto Balsemão visitam a exposição sobre os 40 anos do PSD no foyer do CCC

Comunistas caldenses saíram à rua a 16 de Março para defender os "valores de Abril"

Na manhã de sábado, 16 de Março, elementos PCP caldense saíram à rua e distribuíram panfletos exigindo a queda do governo e reivindicando a melhoria dos salários e a recuperação dos direitos "roubados".

De acordo com Vítor Fernandes, o facto do primeiro-ministro e líder do PSD, Pedro Passos Coelho, estar nas Caldas nessa mesma manhã, a presidir ao arranque das comemorações dos 40 anos da fundação do seu partido, ainda veio dar mais força à realização desta acção. O também deputado municipal diz mesmo que, caso Passos Coelho estivesse nas Caldas em funções oficiais, a recepção seria diferente. "Teria, da nossa parte, uma recepção de boas vindas com a chamada de atenção para as suas políticas",

disse, acrescentando que, como se trata de uma iniciativa partidária, não se manifestam.

Vítor Fernandes estranha, contudo, que Passos Coelho, "uma pessoa que tanto mal tem feito à liberdade e à democracia", festeje o 25 de Abril. E acrescenta: "ele não cumpre a Constituição, pois tem proposto várias medidas que têm sido, consecutivamente, chumbadas e possui uma política de empobrecimento do povo".

O dirigente comunista disse ainda que o primeiro-ministro "não é bem vindo nas Caldas, pelo menos por parte do povo", adiantando que continuam por resolver problemas graves como a abertura do Hospital Termal, a modernização da Linha do Oeste e a intervenção na Lagoa de Óbidos.

José Carlos Faria, candidato à Câmara das Caldas pela CDU nas últimas autárquicas, considera "um acto de hipocrisia" estas comemorações por parte do PSD pois, "em resultado das suas políticas, estamos a viver um período de regressão". O dirigente comunista lembrou que o ideal de Abril pressupõe a liberdade e a melhoria das condições de vida do povo, mas que actualmente tal não se verifica, pois existe um nível de emigração semelhante ao dos anos 60 do século passado e um empobrecimento generalizado da população.

No panfleto distribuído durante a manhã na zona da Praça da Fruta, os comunistas alertam para as "injustiças" da política da coligação PSD/CDS-PP e deixam diversas



FÁTIMA FERREIRA

■ Os dirigentes da CDU distribuíram panfletos pelos caldenses durante a manhã de sábado

propostas para defesa dos "valores de Abril". Defendem a renegociação da dívida, o aumento da produção nacional e a recuperação para o Estado do sector financeiro e

de outras empresas e sectores estratégicos.

Alem disso, querem uma valorização efectiva dos salários e pensões, a opção por uma política orçamental de comba-

te ao despesismo e de defesa e recuperação dos serviços públicos.

Fátima Ferreira

fferreira@gazetacaldas.com



A notícia do golpe chegou mais rápido ao resto do m



NATACHA NARCISO

■ O jornalista Joaquim Vieira, o major general Matos Coelho, os autarcas Tinta Ferreira e Luís Ribeiro e a investigadora Joana Tornada

O salão nobre dos Paços do Concelho acolheu, na tarde de domingo, a sessão solene que assinalou os 40 anos do 16 de Março. Os caldenses encheram a sala para escutar o major general Matos Coelho, o mais graduado militar vivo que participou no "levantamento", o jornalista Joaquim Vieira, autor de várias obras da história recente de Portugal e a historiadora Joana Tornada autora da tese de mestrado *Nas Vésperas da Democracia em Portugal - O Golpe das Caldas de 16 de Março de 1974* (2009).

Os três intervenientes deixaram interessantes notas sobre este acontecimento histórico, que faz parte da histórica contemporânea portuguesa e que acabou por conduzir à Revolução de Abril. Hoje, com os elementos deslindados mais recentemente é possível entender toda a dimensão deste acto que teve repercussão mundial e que Caldas da Rainha correu os noticiários de quase todo o globo.

"A história da democracia portuguesa passa pelas Caldas da Rainha". São palavras da investigadora Joana Tornada que considera que esta percorre "silenciosamente" algumas das suas estradas nacionais. **"A 115, 114 e 8 são testemunhas do caminho da liberdade. As suas curvas, constante nevoeiro e lugares ouvirem, naquela madrugada, o som da coluna sublevada do RI5 e, testemunharam a surpresa de todos, bem como o medo e a coragem daqueles que partiram do quartel, convictos que outros camaradas os acompanhavam (não porque tivessem saído das suas unidades, mas porque eram camaradas do Movimento)",** disse a historiadora, acrescentando que os militares que participaram **"sabiam que as forças governamentais iriam reagir, sabiam que lhes esperava uma condenação".**

Nas mesmas estradas, **"e como num jogo de sombras",** as forças governamentais também circularam de alguma forma enigmática: **"Não a toda a velocidade (como seria de esperar), não de uma forma ordeira e certa, mas sim lentamente, com furos pelo caminho, com regressos inoportunos, com atrasos",** contou a convidada acrescentando que, ao contrário, do que acontecia no Comando, **"os militares não tinham pressa**

e ignoravam a gravidade dos acontecimentos".

A oradora referiu também a povoação de Tornada (sua homónima) como um local importante do golpe já que foi ali que se concentraram **"as forças vindas do RI7, de Leiria, lideradas pelo Ten. Coronel Guimarães".** Para a investigadora foi **"surpreendente"** o facto de estes militares terem aqui permanecido, **"enquanto no quartel se aguardava a chegada da coluna e se preparava o cerco".**

A convidada classificou o quartel militar da cidade (hoje ESE) como o edifício mais simbólico das Caldas tendo sublinhado que a sua biblioteca **"faz parte do património histórico da História portuguesa, uma vez que testemunhou o início e o fim do prelúdio da democracia".**

Por um lado, no dia 15 de Março, naquele espaço **"assistiu-se ao discurso do tenente coronel Horácio Lopes Rodrigues".** Para a historiadora é assim **"um espaço de memória coletiva, um segredo bem guardado de quem sabe que lutar pela revolução não é fácil (embora aparente) nem simples ou é um caminho solitário".**

MAPEAR DO GOLPE DAS CALDAS

Outro dos espaços relaciona-

do com a sublevação caldensa é a envolvente do quartel, **"desde a estrada das Gaeiras, à bomba de combustível, ao pinhal das traseiras e à estrada nacional 8".** Após ter explicado a saída e o regresso da coluna do RI5, a investigadora salientou o facto da estrada não ter sido cortada. Logo **"a coluna sublevada regressou ao quartel sem ser interceptada e timidamente as forças do RI7 foram estabelecendo o cerco, sem comando ou informações".**

Entre as 10h35 e as 12h00, contou a investigadora, fixaram-se carros de combate e outros veículos no Avenal, perto da bomba de combustível e **"uma força da GNR vigiava as vias de acesso".**

Entretanto, os jornalistas estrangeiros apareceram junto dos portões da unidade e como a estrada ainda não tinha sido cortada, isso permitiu que os militares do RI5 **"garantidamente despertassem o mundo e o país para a sua causa".**

A investigadora afirmou que também os caldenses **"estavam ansiosos e curiosos, nos cafés e nas ruas corriam boatos. Muitos deslocaram-se ao alto do Avenal para presenciarem os acontecimentos".** Na sua opinião, quem esteve naqueles locais, a 16 de Março de 1974, **"sabe que verdadeiramente alguma coisa aconteceu e que o nascimento da demo-**



NATACHA NARCISO

■ O salão nobre da autarquia encheu-se para assinalar os 40 anos do "levantamento" do 16 de Março

cracia portuguesa passou por esta cidade", rematou.

GOLPE DAS CALDAS NA TV FRANCESA EM HORÁRIO NOBRE

O jornalista e documentarista, Joaquim Vieira, não estava em Portugal no 16 de Março. Encontrava-se em França, no exílio. Já tinha estado preso em Peniche e em Caxias, durante ano e meio por razões políticas e **"como arriscava ser novamente detido",** em final de 1973 resolveu partir para Paris.

Precisamente no dia 16 de Março, e apesar de ter afirmado que nunca foi do PS, **"nem antes nem depois do 25 de Abril",** Joaquim Vieira fora convidado para almoçar em casa de Mário Soares, por ser amigo do seu filho, João Soares. E contou na sessão que quando chegou a casa do anfitrião, também refugiado em França, alguém tinha ligado para o informar do que se passava: **"uma bernarda, revolta, motim, em Portugal, que havia uma coluna que saía e já se falava das Caldas da Rainha".**

Mesmo apesar da censura que existia no país e de ainda faltarem décadas para os primeiros telemóveis, pelos canais da oposição, o golpe das Caldas chegava à capital francesa. **"O que numa primeira fase causou até alguma desorientação",** disse o jornalista.

Apesar de Mário Soares já ser então um importante líder socialista, **"este não tinha nenhuma comunicação sobre o que se estava a passar ou dos pormenores da acção em curso".** Havia então informações desencontradas, adiantadas por vários elementos do PS e chegou a ser comentado que haveria também uma sublevação em Leiria. Joaquim Vieira, que tinha os pais na capital de distrito, ligou-lhes e estes **"ficaram muito espantados com a pergunta sobre se a tropa estava na rua. E também não**

sabiam de nada com que se estava a passar nas Caldas", revelou o jornalista, acrescentando que havia então a ideia de que estava em curso um movimento de descontentamento militar, ao nível dos oficiais intermédios, **"mas não existia nada de concreto sobre as acções que estavam previstas nem se iria ou não ser desencadeada algum acção militar".**

A informação chegara à capital francesa e, durante todo o dia, tentaram obter mais informações sobre o que se estava a passar. Nessa noite Mário Soares foi até convidado pela televisão francesa para falar em directo à noite no Telegolpe e Joaquim Vieira acompanhou-o ao estúdio. **"Com a capacidade política que lhe conhecemos, fez parecer que estava informado sobre o que se estava a passar quando na verdade não sabia de nada",** contou o convidado. Para Joaquim Vieira o que Mário Soares fez **"foi uma apropriação imediata do ponto de vista político do 16 de Março que estava a acontecer nas Caldas da Rainha".**

UMA SUBLEVAÇÃO COMBINADA POR QUATRO MILITARES

Para o general Matos Coelho, o facto de terem passado 40 anos sobre o "16 de Março" ainda não foi suficiente para que **"os factos que conduziram à sua génese e derrota fossem consensuais".**

Para o convidado e testemunha-actor do acontecimento, a maioria dos militares do RI5, na noite de saída da coluna, **"estava convicta de que participava numa operação do «Movimento dos Capitães», com os mesmos objetivos dos que acabaram por sair das suas unidades em 25 de Abril".**

Após ter feito uma contextualização sobre as circunstâncias já conhecidas do que moveu os militares e sobre as divergências existentes

entre eles por razões de carreira – uns oriundos de cadete e outros oriundos de milicianos – deu a conhecer que a 5 de Março, **"estes dois grupos acordaram actuar conjuntamente".**

A 9 de Março, explicou o general, as unidades militares encontravam-se em **"prevenção rigorosa",** após terem sido conhecidas as ordens de transferência de quatro capitães do movimento, **"entre eles Vasco Lourenço".** Os capitães e tenentes dos dois grupos, do Regimento das Caldas, em conjunto, **"informaram o Comandante da sua solidariedade com os camaradas transferidos".**

Três dias depois, na perspectiva da demissão dos generais Costa Gomes e Spínola, **"declararam também em conjunto, ao comandante, que se surgisse alguma atitude do Governo contra os generais, estariam solidários com eles, podendo ser desencadeada alguma acção".**

Segundo o convidado, a 13 de Março, em Santarém e em Lisboa, dois tenentes do Regimento (oriundos de cadetes), participaram em reuniões com responsáveis pelo Movimento para um golpe que esteve previsto para 14 de Março e que **"foi anulado porque os pára-quedistas afirmaram precisar de dez dias para prepararem a operação",** disse. No RI5 ficou-se pois a aguardar novas indicações, com a convicção de que **"nada iria acontecer naquele período".**

O BUSÍLIS DO GOLPE DAS CALDAS

Só que, segundo o general, há uma informação que faltava e que só anos depois se soube, que foi o facto de **"dois oficiais do regimento caldense, que eram da Comissão Coordenadora dos oriundos de milicianos, que foram, na noite de 14 de Março, a Lisboa e junto dos oficiais da chamada tendência "spinolista" [Casanova e Monge], afir-**

Mundo do que às Caldas



NATACHA NARCISO

■ Para a investigadora caldense "o nascimento da democracia portuguesa passou por esta cidade"

maram que não podiam esperar mais, porque o Regimento das Caldas, sendo dos mais fortes, iria para exercícios finais".

Esta ida "foi uma atitude isolada dos dois oficiais oriundos de milicianos que, sem mandato dos oficiais do Movimento da unidade e com desconhecimento destes, tentaram influenciar a precipitação duma ação que, conforme havia sido acordado, não iria acontecer de imediato".

Isto levou à precipitação dos acontecimentos, já que aqueles tinham receio "da iminente exoneração do general Spínola que lhes prometera a resolução dos problemas de carreira".

Matos Coelho lembrou que no dia 15 de Março, à tarde, tomou posse um novo comandante no RI5.

"Cerca das 23h00, sem que nada o fizesse esperar, chegou ao quartel o capitão Armando Ramos, oriundo de miliciano, com a indicação de que "deveríamos ir ocupar o aeroporto", segundo ele, por decisão do movimento, na sequência de uma reunião, com os majores Casanova, Monge e Otelo, estes dois pertencentes à Comissão Coordenadora do Movimento.

Esta decisão, "soubemos muito depois, tinha sido tomada da forma que Manuel Monge, mais tarde, descreveu: *Dia 15 de Março de 1974, na minha casa em Algés, estávamos, o Casanova, o Otelo e o Armando Ramos. O Virgílio Varela viera na véspera das Caldas da Rainha para nos comunicar que o RI 5 estava em polvorosa. Inesperadamente chega-nos um telefonema de Lamego, do capitão Ferreira da Silva, a informar que o CIOE, (Lamego), entrara em desobediência contra o Comandante da Região Militar Norte e estava em condições de pôr uma companhia em armas sobre Lisboa e pedia ajuda.*"

Assim "decidimos ali retomar o plano que a hesitação

dos páras pusera em stand-by". O Otelo saiu para Mafra, o Casanova para Santarém, o Armando Ramos para as Caldas." Sobre a mesma reunião, o general recordou declarações de Casanova Ferreira à *Gazeta das Caldas* em 19/3/93: "aquilo foi muito mal feitinho. Aquilo foi feito de uma forma muito ordinária por quatro gajos".

AS DÚVIDAS PERMANECERAM QUANTO À OPERAÇÃO

Segundo contou Matos Coelho, já no 16 de Março, "Armando Ramos dizia-nos que já havia outras unidades na rua e repetia que "estávamos atrasados"". Neste contexto, contou o general, "cerca da meia-noite, desencadeia-se a neutralização do comandante e do segundo-comandante". Mas as dúvidas mantiveram-se, mesmo quando a coluna avançou rumo à capital. Matos Coelho afirmou que nas acções de sublevação "não existiu um comandante da revolta, tendo-se evidenciado o espírito de corpo, com base no bem treinado plano de defesa do aquartelamento e na organização da Companhia de Caçadores".

Quem partiu não sabia que afinal estavam a ser feitas chamadas pelo comandante, supostamente neutralizado (mas com acesso ao telefone) e que informou da partida da coluna para Lisboa dizendo "que tinha levado grande parte dos oficiais para repor os generais e derrubar o Governo", contou o orador.

Pelas 07h15, junto ao rio Trancão, Casanova Ferreira e Manuel Monge, vindos de Lisboa, "informaram que a coluna tinha de regressar a Caldas da Rainha, pois era a única que tinha saído, e que estava um dispositivo militar preparado, à entrada da cidade, para a defrontar".

Cerca das 10h30, a coluna voltou ao quartel nas Caldas da Rainha. Já ali se encontravam

os majores Casanova e Monge que, juntamente com o capitão Piedade Faria, comandante da Companhia de Caçadores, "negociaram a rendição e acabaram por ser presos connosco", revelou o general, também um dos oficiais presos.

AFINAL UMA CONCLUSÃO POSITIVA NO QUE PODIA TER SIDO UM PRENÚNCIO DE UMA DERROTA

Concluindo, Matos Coelho afirmou que o 16 de Março, pela forma "como foi preparado em casa do major Monge, dificilmente poderia ter um resultado diferente". Sobre o envolvimento do Regimento das Caldas, "este resultou da vontade colectiva de participar numa operação do Movimento dos Capitães, que julgávamos ter sido decidida pela Comissão Coordenadora".

Apesar do insucesso do 16 de Março e "do perigo que ele poderia ter representado para o "Movimento", este acontecimento, na opinião de Matos Coelho, foi importante, pois "pôs em evidência a fragilidade do regime e permitiu ver como o governo organizou a reacção a um movimento militar, tendo dado inspiração para a elaboração do novo plano e operações", rematou.

O presidente da Câmara, Tinta Ferreira, que encerrou a sessão sublinhou a importância do 16 de Março como momento impulsor da Revolução de Abril tendo ainda acrescentado que um dia haverá uma versão oficial dos acontecimentos do 16 de Março e que esta irá sublinhar o facto de "um grupo de militares corajosos ter partido das Caldas, rumo a Lisboa, e que tomou a iniciativa de mudar as coisas para melhor".

Natacha Narciso
nnarciso@gazetacaldas.com

Cerimónia singela no quartel das Caldas

NATACHA NARCISO



■ O presidente da Câmara, Tinta Ferreira e o comandante da ESE, coronel Barros Duarte presidiram à homenagem aos militares

Na Escola de Sargentos de Exército (ESE), o 16 de Março foi assinalado com o descerramento de uma placa que assinala a efeméride e que contou com a presença de cerca de uma centena de militares, acompanhados pelas suas famílias. O presidente da Câmara das Caldas, Tinta Ferreira, também não quis deixar de estar presente, mesmo tendo que interromper a sessão comemorativa do seu próprio partido que aquela hora decorria no CCC.

Foi aliás o autarca caldense e um ex-militar, João Ferreira, que descerraram a placa alusiva ao 16 de Março. Este último, de 61 anos, foi em 1974 um dos condutores da coluna militar que marchou sobre Lisboa ao volante de um Unimog 404.

Numa breve alocução, João Ferreira referiu "a saudade daqueles que já não estão, mas que na nossa mente vão continuar a estar sempre presentes", numa alusão àqueles que participaram no 16 de Março e que

já faleceram.

Apesar de parcas, as palavras deste antigo soldado foram muito emotivas e por isso os militares e ex militares presentes aplaudiram fortemente o seu antigo camarada.

E quando a revolução já estava em marcha, João Ferreira estava no quartel das Caldas. "Os militares do RI5 não saíram no 25 de Abril porque os nossos oficiais tinham sido presos. Só no dia seguinte fomos render os nossos colegas de companhias de mais longe que estavam em Peniche", rematou o militar-condutor à *Gazeta das Caldas*. João Ferreira ainda acrescentou que foi destacado para o Forte de Peniche para guardar ex-Pides e presos comuns.

Depois do descerramento da placa, o presidente da Câmara Tinta Ferreira afirmou que esta cerimónia, organizada pelos militares, "é de enorme importância para o município das Caldas", o que o fez "deixar" a iniciativa de celebração dos 40

anos celebrações do 25 de Abril, organizadas pelo PSD e que contou com a presença de Pedro Passos Coelho, como líder partidário.

Sobre o 16 de Março, Tinta Ferreira deixou ainda a nota de que, tal como o 25 de Abril, "revela o inconformismo e a coragem das pessoas em enfrentar as dificuldades e também a ambição de fazer mais e melhor". O presidente pediu ainda aos militares para continuarem "a ter esse espírito de não se conformarem e de tentarem uma melhor vida para o país, deixando melhores condições para os vossos filhos e netos", rematou.

Além de Tinta Ferreira, estiveram os presidentes da Assembleia Municipal e da União de Freguesias de N. Sra. do Pópulo, Coto e São Gregório, Luís Ribeiro e Vítor Marques bem como os vereadores socialistas Rui Correia, Jorge Sobral e do CDS, Manuel Isaac.

Natacha Narciso
nnarciso@gazetacaldas.com

NATACHA NARCISO



■ João Ferreira foi um dos condutores da coluna militar



Congresso dos Combatentes está na génese do "pré-movimento" dos capitães

FÁTIMA FERREIRA



■ A cerimónia evocativa organizada pelo PS no salão dos antigos Paços do Concelho

Um militar que participou na intentona das Caldas e uma jovem que já nasceu num regime de democracia, foram os convidados do PS caldense para assinalar os 40 anos do 16 de Março de 1974.

Participante activo no golpe das Caldas, o coronel Rocha Neves lembrou os antecedentes que levaram os militares do RI5 a marchar rumo a Lisboa, realçando que na génese destes acontecimentos estiveram, no momento crucial, motivos de natureza política, nomeadamente com o cansaço de 13 anos de guerra e a inexistência de uma solução para ela. Volvidos 40 anos, Rocha Neves sente-se **"preocupado"** com o estado a que o país chegou, mas continua a acreditar que é possível melhorar. **"O maior recurso que um país pode ter são as pessoas"**, disse, incentivando os jovens a continuar a lutar pela democracia.

As conclusões do Congresso dos Combatentes, realizado a 1 de Junho de 1973, que indicavam que o problema da guerra colonial era militar e que a solução passava por um reforço do esforço de guerra, levou a um "pré-movimento" dos capitães nesse momento, explicou Rocha Neves. De acordo com o orador, desde inícios da década de 70, que vinham a decorrer reacções à política vigente, sobretudo na Guiné, onde um grupo, mais tarde intitulado "spínolista", já discutia os problemas da guerra e defendia que a **"solução tinha de ser política e não militar"**.

Esse grupo haveria mesmo de tentar mobilizar militares ao serviço no território nacional para ir defender essa posição ao congresso dos Combatentes, mas sem resultado porque a organização proibiu a sua participação. Face a esta situação o grupo da Guiné decidiu promover um abaixo-assinado onde diziam que não tinham nada a ver com as conclusões que viessem a ser decididas no congresso. Uma atitude corajosa pois, como explicou Rocha Neves, **"fazer abaixo assinados era uma atitude de indisciplina por ser proibido, ainda por cima com aquele conteúdo"**. Por outro lado, **"mostrou que, se nos uníssemos, éramos mais fortes"**, completou.

Preparava-se o grupo que lançou o abaixo-assinado para iniciar reuniões e discutir o que fazer, quando é publicado o decreto nº 353/73 que reconhece

o direito dos oficiais oriundos de milicianos de manterem o seu posto e a respectiva antiguidade quando tiravam o curso da Academia Militar e integravam o Quadro Permanente. Esta medida veio provocar um **"mal estar"** especialmente entre os militares provenientes da Academia, devido à desigualdade existente na duração e conteúdo dos cursos e porque **"as autoridades governativas desrespeitavam um dos mais tradicionais critérios de avanço na carreira tradicional"**, explicou.

Estavam assim criados dois grupos dentro do corpo de oficiais das Forças Armadas, por um lado, os oriundos de cadetes que viam neste decreto mais um **"sinal da inépcia"** do governo para resolver o problema colonial e, por outro, os milicianos que pretendiam a valorização do seu esforço. O decreto aumenta o descontentamento que já começava a haver no corpo de oficiais e o debate político surgiu com mais clareza quando estes **"reconheceram que a questão dos decretos constituía, apenas, uma exigência da política de guerra opressiva que o governo português insistia em manter"**, referiu o orador.

AS REUNIÕES CLANDESTINAS

De acordo com Rocha Neves as razões que levaram os militares a revoltar-se são de natureza política e prendem-se

com o cansaço de 13 anos de guerra e a inexistência de uma solução para ela, refutando a ideia de que o 25 de Abril foi originado por motivos de ordem corporativa.

Descontentes com a situação, os militares começaram a reunir clandestinamente. A 9 de Setembro de 1973 juntaram-se em Alcáçovas 136 capitães e oficiais subalternos numa primeira grande reunião a nível nacional, seguindo-se uma segunda em S. Pedro do Estoril, a 24 de Novembro de 1973, com a presença de cerca de 40 oficiais. De destacar que neste segundo encontro estiveram já oficiais superiores, entre eles o tenente-coronel Luís Banazol que a dada altura terá dito: **"isto não vai lá com papéis, é que é preciso é uma revolução e tem que se fazer imediatamente"**. De acordo com Rocha Neves, a primeira reacção nos presentes foi de **"exclamação interior"**, seguida de aplausos. No entanto, desta reunião nada saiu de concreto por **"ser ainda muito prematura a organização"**.

Em Óbidos decorreu a terceira reunião e uma das principais na preparação do golpe militar do 25 de Abril, organizada pelo RI5 das Caldas da Rainha. Numa altura em que o **"Movimento de Capitães vivia o problema da sua afirmação"**, com este encontro onde estiveram presentes 180 oficiais, o movimento **"consolidou-se e evoluiu de forma acentuada"**, explicou Rocha Neves. No entanto, até



■ O coronel Rocha Neves e a jovem Cátia Rodrigues deram a sua visão sobre o 16 de Março

Abril desse ano, ainda teve que passar por alguns constrangimentos de percurso, especialmente até meados de Março, com a apresentação dos oficiais gerais ("brigada do reumático" como foi apelidada na altura) ao primeiro-ministro Marcelo Caetano, jurando-lhe lealdade do Exército. Na reunião de 5 de Março, em Cascais, foi aprovado o pré-programa do movimento das Forças Armadas e é decidido fazer o golpe militar. Este encontro contou com a presença de cerca de 180 oficiais, representando mais de 400, dos dois grupos - oficiais oriundos de milicianos e de cadetes.

Rocha Neves contou ainda aos presentes, de forma efusiva, como se desenvolveram os acontecimentos no quartel das Caldas durante a noite e madrugada de 16 de Março, altura em que partiram rumo a Lisboa para ocupar o aeroporto.

Orgulhoso de ter participado no golpe das Caldas, Rocha Neves, partilhou ainda alguns episódios mais caricatos que se passaram naquele dia, como o caso do taxista que queria furar a coluna para chegar a horas ao aeroporto, ou do funcionário da Câmara que foi, de bicicleta, ao quartel fechar a água e não se apercebeu que a unidade estava sublevada.

JOVEM REALÇA "CORAGEM E OUSADIA" DOS MILITARES

Presente na cerimónia evocativa esteve também Cátia Rodrigues, de 23 anos, que frequenta o curso de Relações Humanas e Comunicação Organizacional, no Instituto Politécnico de Leiria (IPL), e que, como é natural, não presenciou os factos.

A jovem destacou a **"coragem e ousadia"** dos militares e falou dos problemas que o país atravessa, 40 anos volvidos. **"Torna-**

-se revoltante ver que muito dos nossos políticos, muitos dos homens que deviam ter guiado Portugal para outro caminho, acabaram por colocar a nossa nação numa posição confrangedora, à mercê dos países mais poderosos", criticou.

Cátia Rodrigues falou da incompetência que tem havido ao longo dos últimos 40 anos por parte dos dirigentes políticos, que leva a que muitos jovens tenham que emigrar.

Pedindo aos presentes para reflectir sobre o assunto, a jovem perguntou se não está a fazer falta às gerações mais novas o **"pulso de ferro que muitos dos homens tiveram naquele princípio da década de 70?"**. Para Cátia Rodrigues é preciso remediar o que está mal, até para honrar **"os homens de coragem"** de 1974.

Fátima Ferreira
fferreira@gazetacaldas.com

MVC fez uma caminhada pela Liberdade

O MVC - Movimento Viver o Concelho também assinalou os 40 anos do 16 de Março, tendo realizado uma "caminhada pela Liberdade" em Salir do Porto. Segundo a organização, participaram cerca de 100 pessoas, distribuídas por três grupos de caminhada com diferentes graus de dificuldade. Houve ainda um pequeno grupo que efectuou o percurso em BTT.

O almoço realizou-se na Associação Recreativa e Cultural de Salir do Porto e a tarde foi dedicada a uma tertúlia pontuada por canções de Abril com Tó Freitas, João Amaral e Canto e Castro.

Durante a tarde de convívio foram revelados os vencedores dos prémios do Concurso de Desenho Infantil, subordinado ao mesmo tema "A Cam-



■ Depois da caminhada os participantes juntaram-se num convívio em Salir do Porto

minho da Liberdade", iniciativa que decorreu durante as duas últimas semanas. A festa terminou com todos os participantes

a entoar o tema "Grândola Vila Morena".

N.N.